

## ENTRE A VOZ DO SÍMBOLO E O ECO DO IMAGINÁRIO A VOZ POÉTICA DE PAULA TAVARES <sup>1</sup>

### ENTRE LA VOZ DEL SÍMBOLO Y EL ECO DEL IMAGINARIO LA VOZ POÉTICA DE PAULA TAVARES

Mara Regina Avila de Avila<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a estreita relação entre símbolo e imaginário na construção de uma identidade cultural na poesia de Paula Tavares. Relação capaz de integrar um complexo cultural conectado diretamente com os povos, história, línguas e civilizações. Uma relação que insere o capital pensado do *homo sapiens* tendo em conta na proposta de Gilbert Durand “o imaginário” como encruzilhada antropológica. Nesse processo de “criação poética”, a voz do símbolo e o eco do imaginário manifestam-se na poesia de Paula Tavares, literatura autenticamente negra, procurando tecer uma polifonia interligada no universo cultural angolano, reescrevendo-o num novo trajeto do sujeito angolano (africano).

**Palavras-chave:** Poesia angolana; Símbolo; Imaginário.

**Resumen:** Este artículo presenta la estrecha relación entre símbolo y imaginario en la construcción de una identidad cultural en la poesía de Paula Tavares. Relación capaz de integrar un complejo cultural conectado directamente con los pueblos, historia, lenguas y civilizaciones. Una relación que inserta el capital pensado do *homo sapiens* teniendo en cuenta la propuesta de Gilbert Durand "el imaginario" como encrucijada antropológica. En este proceso de "creación poética", la voz del símbolo y el eco del imaginario se manifiestan en la poesía de Paula Tavares, literatura auténticamente negra, buscando tejer una polifonía conectada a ló universo cultural angolano, reescribiéndolo en un nuevo camino del sujeto angolano (africano).

**Palabras clave:** Poesía de Angola; Símbolo; Imaginario.

*Sino  
é como começa  
este falar das palavras  
e o livro de horas da minha avó.  
Paula Tavares.*

*A verdadeira poesia é uma função de despertar.  
Gaston Bachelard*

Um aspecto importante do discurso poético de Paula Tavares é sua estreita conexão entre símbolo e imaginário. Desse modo, verifico que a relação entre

---

<sup>1</sup> Este artigo compreende uma versão resumida do capítulo Entre a voz do símbolo e o eco do imaginário a voz poética de Paula Tavares da dissertação de mestrado “Pela poesia de Ana Paula Tavares: vozes e ecos de Angola em África”, defendida em outubro de 2010 na Universidade Federal do Rio Grande.

<sup>2</sup> Licenciada em Letras e Mestre em Letras na área História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: mara-avila@bol.com.br

símbolo<sup>3</sup> com origem no grego (*sýmbolon*) e imaginário<sup>4</sup> é íntimo, entendendo símbolo – como diz Jean Chevalier na introdução do seu *Dicionário de Símbolos* (2007) – a partir do “esforço do homem para decifrar e subjugar um destino que lhe escapa através das obscuridades que o rodeiam” e, pensado “na encruzilhada de todo o psiquismo humano, onde se reúnem o afetivo e o desejo, o conhecido e o sonhado, o consciente e o inconsciente” como enfatiza Chevalier, no prefácio a este dicionário. É esse processo antropológico – o vínculo afetivo com o símbolo – que este artigo explora, quando constrói uma teoria do imaginário simbólico.

O imaginário desenvolve-se, atualmente, em torno de sua relação com a antropologia, a literatura, a memória, etc. No caso da literatura, o imaginário compartilha com o gênero (poético) movido pela imaginação criadora que materializa nas imagens literárias – uma realidade íntima para um além-psicológico. Em outras palavras, e recorrendo a Gaston Bachelard (2002), são as imagens postas em série que ativam o movimento da imaginação, induzindo o leitor a uma viagem imaginária. Uma viagem que, contida no impulso antropológico, não por acaso, proporcionou no sentido *stricto sensu*, uma definição semântica para poesia contemporânea<sup>5</sup> fundamentada nas estruturas antropológicas do imaginário que se constrói nas fronteiras do consciente e inconsciente.

Essa definição feita, portanto, à luz do espírito antropológico levou em conta a grande civilização tecnológica em efervescência. Não se trata de descartar impressões, até já registradas, sobre poesia, mas de propiciar a ela, conforme suas palavras, um sentido senão mais puro mais autêntico. Creio que esse prelúdio da antropologia, vertida certamente de idiosincrasias, sem dúvidas, marca o estreitamento da relação entre primitivo e eterno, justificando em si, uma busca existencial. Propósito construído no

---

<sup>3</sup> (Cf.) Dicionário de símbolos, um símbolo escapa a toda e qualquer definição. É próprio de sua natureza romper os limites estabelecidos e reunir os extremos numa só visão. Assemelha-se à flecha que voa e que não voa, imóvel e fugitiva, evidente e inatingível. As palavras serão indispensáveis para sugerir o sentido ou os sentidos de um símbolo; mas, lembremo-nos sempre de que elas são incapazes de expressar-lhe todo o valor.

<sup>4</sup> Imaginário na concepção de Gilbert Durand é o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano. O imaginário é esta encruzilhada antropológica que permite esclarecer um aspecto de uma determinada ciência humana por um outro aspecto de uma outra. (DURAND, 2002, p. 18)

<sup>5</sup> A poesia contemporânea define-se como uma reevocação pelo verbo de um “sentido” senão mais puro é pelo menos mais autêntico. É como se o poeta contemporâneo, imerso na civilização tecnicista das grandes cidades, reanimasse subitamente, pelo jogo da sua linguagem, os arcanos dos grandes mitos. (DURAND, 1996, p. 50)

trajeto do antropológico para o poético. Assim, mediante representação, a imaginação (faculdade das intuições *a priori*) tornou-se objeto de uma realidade poética enunciada pelos textos literários, ampliando no cronótopo de uma metalinguagem simbólica, simultaneamente forças mitológico-poéticas. No entanto, materializar este imaginário, ou esta realidade poética, só é possível mediante aplicação da lei das quatro imaginações materiais (ar, água, terra, fogo), afirma Bachelard. (2002, p. 8)

Sobre o imaginário e o simbólico muito pode ser dito, mas, para meu propósito, interessa-me, concentrar naquilo que não deve ser tratado apenas à luz de uma ciência. E sim por um somatório cultural que deságua num conhecimento das línguas, dos povos, da história, das civilizações, etc.

Porque, como nos alerta Durand “não nos podemos fiar nas exiguidades ou nos caprichos da nossa própria imaginação” (2002, p. 18). Entretanto, o que parecia desacreditado adquiriu fôlego. E o imaginário, até então desvalorizado, principia a respirar novos ares. Decorre daí os índices (de distância) entre uma psicologia clássica reducionista e sua ascensão concreta entre as ciências modernas. E, por que afinal, a imaginação, aparentemente tão desprezada no passado atinge atualmente seu apogeu em diversas áreas de estudos? Considerando-se esta ascensão diante do mundo pós-moderno, percebe-se, sob os movimentos galopantes da globalização, tratar-se de um espaço outro promovido, não só, pela dominação atual da imagem, bem como às interpretações dos mitos antigos (e modernos) e aos estudos da psicanálise. Trata-se, portanto, de um ambiente propício (e de êxito) que responde a uma aspiração antropológica.

Por isso, em tempos contemporâneos, a poesia retornou aos princípios das cosmogonias intuitivas. Esse dinamismo provocado pelo retorno resultou para os poetas contemporâneos, na visão de Gaston Bachelard, um “caráter dinâmico da imaginação seguindo a ligação entre os complexos originais e os complexos de cultura” (BACHELARD, 1989, p. 20), permanecendo, desta forma fiel a realidades oníricas elementares. É nesse contexto que quero mencionar a estreita ligação entre complexos de cultura e tradição<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Relação esta que permite reviver e rejuvenescer uma dada tradição. E, que é recuperada, a fim de, dar início a novos signos de identidade, capaz de ser re-historicizados.

Ao falar de símbolo, não há como desvinculá-lo da imaginação, seja psicológica, seja literária, seja cultural. Ao nível do plano locutório<sup>7</sup>, diante de alguns povos, culturas e crenças, o símbolo particulariza-se. Por isso, torna-se pertinente esclarecer a partir dos estudos de Humberto Eco (2003, p. 133), que o vocábulo símbolo não deve ser utilizado com sentido expandido, ao contrário, intensifica seu uso com “parcimônia, sublinhando-o nos contextos em que o encontram para decidirem o significado que aí, e não alhures, assumem”. Logo, o símbolo como estratégia textual particularizada faz “diferença no processo da linguagem, crucial para a produção de sentido que nunca é simplesmente mimética e transparente”. (BHABHA, 1998, p. 65)

Essa adesão ao símbolo é feita na poesia da angolana Paula Tavares, literatura autenticamente negra, que desperta amiúde uma polifonia interligada no universo cultural angolano (incrustado de inúmeras línguas, etnias e práticas tradicionais) ao (re) significar o trajeto do sujeito angolano (africano). A ação de poetar se plasma assim sinestesticamente, entremeada por símbolos que expressam emoções, ecos, cheiros, sons. Símbolos que adquirem força e que alicerçam uma linguagem essencialmente aberta e evasiva, buscando fortalecer o compromisso da literatura com seu fazer. Uma metalinguagem simbólica que permite ao símbolo revestir-se de caráter multidimensional apto a decodificar um caminho hermenêutico subjetivo em que imagens como: o boi, os frutos da terra, o altar de pedra, a máscara Mana Pwo, o significante mulher, a terra, entre outros, agreguem uma valoração expandida de sua auréola imaginária.

É particularmente interessante examinar, para os símbolos, uma realidade de partida, a exemplo, expressa pelas imagens citadas. Tomar consciência desta realidade implica a certeza de que todo símbolo sustenta-se por uma vocação que colhe indistintamente o particular e o universal, que não deixa de se familiarizar com o olhar preciso de Chevalier sob a afirmação de que “cada símbolo é um microcosmo, um mundo total” (CHEVALIER, 2007, p. XXIV). Diante desta premissa chevaleriana, evidencia-se a poética de Paula Tavares, na medida em que esta resgata imagens dos povos da Huíla no mundo das representações do texto — um espaço em construção —, associada indiscutivelmente ao complexo cultural angolano.

---

<sup>7</sup> Segundo Gilbert Durand “é o plano locutório, plano do próprio símbolo, que assegura uma certa universalidade nas intenções da linguagem de uma dada espécie, e que coloca a estruturação simbólica na raiz de qualquer pensamento”. (DURAND, 2002, p. 31)

Cria desta forma, Paula Tavares, universos textuais comprometidos com a dimensão cultural nacionalista de seus poemas que, em profundidade estética, codifica vozes e ecos de Angola em África. A Huíla — cidade de planalto — é projetada metonimicamente no cenário angolano (africano), pelo viés literário com intuito de aproximar o Homem aos signos da terra como valores a serem defendidos na afirmação de uma identidade cultural em estado de germen, desde os fins da década de 1940. Articulando constelações imaginárias, visto que estas retêm uma força criativa primordial performática para expressar sua alma poética africana, Tavares representa a vida diária de Angola, numa multiplicidade discursiva inserida no âmbito do simbólico. Ajustando à expressão literária “constelações imaginárias”, temos que nada mais são que motivações simbólicas de que lança mão o poeta, que na visão de Durand encerram “um caráter pluridimensional, portanto espacial, do mundo simbólico” (DURAND, 2002, p. 32), que é essencial.

Indefinidamente sugestivos, os símbolos internalizam um ritmo nervoso que dá conta de expressar emoções, tensões, afetividades, sonhos, que a imaginação poética, seguramente, é capaz de desencadear. Ritmo capaz de materializar um elo entre poesia e experiência explícita. Desse modo, pensar o universo simbólico equivale a investigar as relações que se colocam no plano humano, no plano social, no plano político, etc. No que tange ao domínio específico da criação literária angolana (africana), o símbolo, em sua intensa fecundidade discursiva ativa um universo ficcional, construindo-se na cultura e na História de Angola. Trata-se do simbolismo africano designado como um conjunto de símbolos inspirados nas suas religiões<sup>8</sup> revelador de uma incomparável riqueza psicológica, que por consequência fornecem quadros primordiais para o símbolo, quer a imaginação estreitamente motivada pelo poético, nacionalismo, religião, língua, funções sociais, por genes raciais. Estabelecem-se, por certo, relações históricas entre o símbolo e entre certas interpretações, em que tal produção de sentidos, por meio deste universo ficcional, manifesta-se no ato de poetar que passa amiúde envolver no âmbito discursivo

---

<sup>8</sup> Cf. Kabengele Munanga “as formas de arte que se encontram nas diferentes regiões da África negra e entre diferentes etnias não só apresentam muitas vezes semelhanças de estilos, como também possuem em comum certo número de características gerais que sobrepõem às diferenças de estilos. Verifica-se, por exemplo, determinada quantidade de similitudes nas relações entre as formas artísticas e as crenças religiosas, o que leva a atribuir às práticas rituais da maioria das sociedades africanas as mesmas origens. Em geral, as formas de arte africana inscrevem-se num quadro comum, mesmo que esse pano de fundo conceitual venha se exteriorizar de diferentes maneiras. (MUNANGA, 2009, p. 32)

as antigas marcas da oralidade, da tradição que buscarão tecer-se à da letra literária, construindo-se no silêncio do não dito.

E assim, poetando em língua portuguesa, a historiadora Paula Tavares obtém um desempenho como um narrador cuja voz, no espaço material e linguístico do poema, é capaz de absorver e exteriorizar pela linguagem simbólica “o grito libertário para além do silenciado” para usar a expressão de Jurema José (2002, S/N). O silenciado cercado imaginário em que as mulheres (particularmente as angolanas) estiveram culturalmente submetidas.

Paula Tavares, ao lado da eflorescência simbólica, metamorfoseia sob a influência de motivações ancestrais, Angola, a terra, os frutos; sua maior motivação simbólica. Em declaração divulgada pela Rádio e Televisão de Portugal Notícias Pesquisa, em 2008, por ocasião da (re) edição de *Ritos de passagem*, a poeta declara que:

a grande motivação continua a mesma: Angola, a terra, os frutos, mas desde então perdeu-se alguma inocência. Passou muito tempo, havia naquela altura uma certa ingenuidade, um olhar inocente, o mundo deu as suas voltas e nós com ele, afirmou a poetisa'. 'Hoje, olho e vejo que há uma inocência perdida. Apesar de os poemas manterem a sua atualidade e terem cumprido naquela altura o seu papel', acrescentou. (RTP, 2008)

As fortes marcas (ou motivações) ideológicas permanecem. No entanto, em uma atmosfera mais sensível do que realista, a poeta explode a inocência perdida, as tensões entre passado-presente, ou ainda, entre tradição e modernidade — fator essencial de unificação e de fixação vinculada à questão de identidade cultural<sup>9</sup>— num mundo que, afinal, já é outro. As reflexões de Paula Tavares ajudam-me a melhor compreender sua proposta literária (e a de vários escritores africanos). Permite-me a inferência de uma poética alimentada pelos valores da terra que evidenciam as raízes culturais negro-africanas, crioulas e popular.

No caso específico, Angola, a terra, os frutos, reconhecidos no processo de criação literária (e poética), são conclamados como motivações simbólicas adjacentes a um contexto de urbanização acelerada e de globalização, que por sua vez dão um colorido primordial à palavra poética compatível com a lírica produzida nos intervalos entre escrita e oralidade (tradição), a partir da década de 1980. Nos poemas de *Ritos de passagem*

---

<sup>9</sup> Cf. Stuart Hall, In: *A identidade cultural na pós-modernidade*, “o próprio conceito com o qual estamos lidando, identidade, é demasiadamente complexo muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea...”. (HALL, 2004, p. 8)

(2007), que na opinião de Inocência Mata, “apela para imaginação pelo recurso da imagem sinestésica (mistura de imagens sensoriais), principalmente na citação de frutos para simbolizar as características femininas” (MATA, 2001, p. 113), anunciam-se linguagens (de fonte oral e sinestésica) que irão se fortalecer em obras posteriores, ampliada num horizonte mais crítico, que articula o universo simbólico em que os símbolos exprimem relações terra-céu, espaço-tempo, imanente-transcendente (CHEVALIER, 2007, p. XXV). É literariamente por meio dos símbolos – de natureza não linguística – que Paula Tavares propõe do ponto de vista estético literário um sentido a sua terra (e sua gente). Esta é uma constante do seu universo ficcional: (re) significar e (re) pensar a luz da pós-modernidade, a história do seu país; sendo assim próprias desse universo de expressão simbólica as construções sinestésicas, que enlaçam imagens poéticas dos povos da Huíla adaptadas à matéria que devem ornamentar.

A simbiose estreita que dá vitalidade ao símbolo, como diz Chevalier, emana precisamente do esforço do homem para decifrar (e subjugar) um destino que lhe escapa através das obscuridades que o rodeiam.

A experiência de “decifrar” que se dissemina contempla o reflexo da inserção do homem na profundidade da imaginação humana. Trata-se de um espaço do psiquismo imaginante, não-linear, em que se configuram imaginários universais (e intemporais), que por sua vez encontram-se obscuros, enxertados nos temas imaginários (como a lua, o leão, o lago, a terra, etc.). Assim, dotado de mobilidade e princípio imaginário, o símbolo permite ativar um movimento da imaginação que se caracteriza primordialmente “em seu movimento, em seu meio cultural” (CHEVALIER, 2007, p. XV). A “terra”, por exemplo, grande símbolo do inconsciente coletivo do imaginário angolano é “identificado com a mãe. É um símbolo de fecundidade e regeneração” (CHEVALIER, 2007, p. 879), carregada de afetividade e de dinamismo. Considerando esse arquétipo no contexto angolano (africano), percebe-se um encadeamento do destino, ao mito<sup>10</sup> do eterno retorno, sob os movimentos de uma comunidade que foi dividida por conta do colonialismo português e que se pode (re)agrupar, revelando simultaneamente um rompimento e união das partes outrora separadas.

---

<sup>10</sup> Sobre a relação mito e arquétipo, ver Jean Chevalier & Alain Gheerbrant, In: *Dicionário de Símbolos*. (2007 p. XIX)

É sob o signo da bipolaridade, que este arquétipo (terra) manifesta constelações imaginárias que dão conta no campo da escrita literária, como diz Chevalier, tomando o sentido freudiano da palavra, em que o símbolo exprime, de modo indireto, figurado e mais ou menos difícil de decodificar, o desejo ou os conflitos. Trata-se de uma espessura folheada de sentidos e de possíveis direções encontrados nas diversas produções do inconsciente. Por certo, uma via de comunicação rompe o invólucro atualizando e integrando o valor simbólico<sup>11</sup> entre um sentido oculto e a realidade de uma expectativa, pois, o símbolo “existe somente no plano do sujeito, mas com base no plano do objeto” (CHEVALIER, 2007, p. XXIII). Observa-se, desta forma, que a compreensão destes depende menos do uso da razão. É neste sentido, portanto, que o símbolo enxertado no centro da imaginação poética converge para o desconhecido e o infinito. Eis porque “a imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão”. (BACHELARD, 1989, p. 18)

Vibrando nesta mesma sintonia, e tomando como referência a imagem, o crítico cultural Homi Bhabha chama a atenção para o fato de que a imagem não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência da realidade. Assim, tem-se que o poeta – revestido de alma poética – tece no seu imaginário o mundo percebido e vivido, essencialmente no nível do inconsciente. Aí, são articuladas forças poetizantes que tendem a entrar em ação nas obras literárias, que por sua vez, é materializada e codificada pela linguagem poética no texto literário. Lança-se, desta forma, um enigma, que logo a seguir será decodificado pelo leitor para que ele deixe de ser o que é. Tais considerações convidam a uma reflexão acerca da imagem do enigmático, que por certo, é a que brota de poemas como “Ex-votos” (TAVARES, 1999, p.12-13), “Canto de nascimento” (TAVARES, 1999, p. 14-15), “Terracota” (TAVARES, 1999, p. 18), “Boi à vela” (TAVARES, 2007, p. 44), “Rapariga” (TAVARES, 2007, p. 48), “Colheitas” (TAVARES, p. 52), entre outros, que anunciam um intenso lirismo, e que pela reinvenção poética é capaz de tecer as vozes silenciadas dos povos da Huíla, ou melhor, da alma do homem sul africano. Articula-se, claramente, neste espaço da escrita a “imagem da identidade humana e, certamente a identidade humana como imagem— ambas molduradas ou espelhos familiares do eu [*selfhood*] que fala das profundezas da cultura ocidental” (BHABHA, 1998, p. 83). Com

---

<sup>11</sup> Cf. o estudo de Jean Chevalier & Alain Gheerbrant, “Prefácio” In: *Dicionário de Símbolos*, o valor simbólico atualiza-se diferentemente para cada um de nós, sempre que uma relação de tipo tensional e intencional que une o signo que estimula e o sujeito que percebe.

isso, tocamos igualmente na natureza do conhecimento, do saber, que, por sua vez, está estreitamente ligada aos signos da linguagem e do conhecer.

Remontando, portanto, ao início deste capítulo, que se materializou diante deste discurso, referente à relação íntima entre símbolo e imaginário, sublinhe-se o fato de que, entre a voz do símbolo e o eco do imaginário, exprime-se a voz poética de Paula Tavares, foco de análise deste capítulo. Este assunto (de fonte inesgotável) conduz a *poiesis* da angolana Paula Tavares, que cristaliza em sua práxis literária uma intimidade na articulação dos símbolos e que explora, além dos arquétipos universais, símbolos do complexo sociocultural angolano (africano) e sua rica etnografia. Harmoniza estes microcosmos, referido por Chevalier, a fim de proporcionar um caminho aberto a uma realidade oculta subjacente (e além) ao imperialismo estrangeiro. Acolhe na simplicidade (e na tradição) a matéria-prima que ilumina sua arte poética que se deixa apreender no delinear das linhas do seu poema. Congela-se uma (re) afirmação dos valores culturais das antigas sociedades tradicionais que remonta ao período pré-colonial de Angola.

Os símbolos intercomunicam-se, esboçando um espaço possível de se interceptar o Homem em comunhão com o Cosmos, com o primitivo, com a tradição e a modernidade. Uma poesia tão dinâmica, intuitiva (e naturalmente sensitiva), como a de Paula Tavares, é, portanto, o germe de uma imaginação criadora literária que se alimenta de imagens conectadas ao cenário da Huíla. Parafraseando Bachelard, são as imagens que ativam “forças imaginantes” no íntimo do psiquismo humano, que na ordem exploratória e de descoberta desencadeia uma função de despertar.

Assim, diante da lei de expressão poética contida no reino da imaginação, é preciso (antes de tudo) para compreender o simbolismo imaginário: enveredar pela via da antropologia. E, para ampliar essa ideia, torna-se recorrente o conceito de Gaston Bachelard, segundo a qual a poesia é uma verdadeira função de despertar. Em tempos de crise, se faz necessário acordar, despertar o íntimo da consciência. A literatura preenche, sem dúvidas, um desejo humano. Representa a emergência da imaginação. É um significar, um fazer sonhar diferentemente.<sup>12</sup>

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

---

<sup>12</sup> Aproprio-me aqui desta expressão utilizada por Gaston Bachelard (2002, p. 257) em *O ar e os sonhos*—no capítulo intitulado “Imagem literária”.

\_\_\_\_\_. A imagem literária. In: **O ár e os sonhos**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 256-260.

BHABHA, Homi. **Local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Lisboa: Presença, 1989.

\_\_\_\_\_. Mito e poesia. In: **Campos do imaginário**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996, p. 41-54.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

JOSÉ, Jurema. **A escrita feminina no panorama literário africano em língua portuguesa**: Alda Lara, Noêmia de Souza, Ana Paula Tavares, Vera Duarte e Paulina Chiziane. União de Escritores de Angola, 2002, s.p. Disponível em [uea-angola.org/criticas.cfm?TermoBusca=&Pagina=5](http://uea-angola.org/criticas.cfm?TermoBusca=&Pagina=5). Acesso em 26 ago. 2010.

MATA, Inocência da. **Literatura angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta**. Lisboa: Mar Além, 2001. p. 113-116. Disponível em [www.uea-angola.org/bioquem.cfm?ID=116](http://www.uea-angola.org/bioquem.cfm?ID=116). Acesso em 7 set. 2010.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Global, 2009.

**PORTUGAL**, Rádio e Televisão de. Disponível em <http://www.rtp.pt/rdpafrica>.

TAVARES, Paula. **Cinquenta anos de literatura angolana**, 1999, p. 124-130. Disponível em [www.ffch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via03\\_10.pdf](http://www.ffch.usp.br/dlc/posgraduacao/ecl/pdf/via03_10.pdf). Acesso em 30 ago. 2010.

TAVARES, Paula. **O lago da lua**. Lisboa: Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ex-votos**. Lisboa: Caminho, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ritos de passagem**. Lisboa: Caminho, 2007.

[Recebido: 09 mar. 13 - Aceito: 20 mai. 13]